

Índice

Prefácio: Uma breve nota de leitura (José Manuel de Vasconcelos)	7
--	---

Que Importa a Fúria do Mar

Parte I

De como o chão deste mundo é o tecto de um outro	30
De como o essencial nunca aparece debaixo dos holofotes	35
De como praticar a demência é um ofício duro e Hamlet bem o sabia	49
Da terrível pobreza de quem vive apenas do que faz sentido	62
Das vantagens de se ter asas	73
De como há bens que vêm por mal	81
De como a noite pode acabar a qualquer momento e a história de Xerezade está longe de terminar...	96
Da dor de sangue	108

Parte II

De como nada é tão ruim que não possa piorar	121
De como as pessoas só sabem aquilo que lhes dizem	131
De como a água é boa condutora	145
De como um círculo pode estar redondamente enganado	155
De como guerreiros são só pontos no horizonte, a monte, a monte	171
De como nem todos os dias são dias passados	188
De como os artigos expostos são só para consumo da casa	196

De como um meio exemplo não é um exemplo	207
De como nas trincheiras não há ateus	216
De como se pode construir uma ponte entre dois precipícios	225
De como as coisas que mais tememos já nos aconteceram	230
De como as bolas de bilhar rolam sem se ver quem dá a tacada	238
Posfácio: Como um parafuso de palavras (Afonso Cruz)	245

Parte I

*Prometeu ser virgem toda a vida
Desceu persianas sobre os olhos
Alimentou-se de aranhas,
humidades,
raios de sol oblíquos.*

LUIZA NETO JORGE

Tersa gente esta, de almas baldias, vontades torcidas pelo frio que aperta, amolecidas pelo sol que expande. Ando aqui a ganhar a morte. Nestes campos de giesta, engatadas raízes no chão, tão presas de seiva e vontade que não as pode a força de um homem arrancar. Ervas daninhas mais difíceis de vergar do que um pinheiro-bravo à machadada. O pinheiro deixa o coto apodrecido, vã ruína orgânica, mas as raízes das giestas mantêm-se sorrateiras, infiltrantes, debaixo da terra, a aguardar melhor ocasião para levantar haste. E, mal um homem vira costas, lá estão elas, sob os pés, soturnas, insinuantes, sôfregas de todas as pingas de água, a saciarem-se, a exaurirem as lavouras, sem sequer a gentileza de uma sombra, só pasto de insectos, refúgio de furões, conspiração do matagal. Assim ando eu. Entre mato rasteiro e bravio. Que a vida sempre me foi um ferro de engomar. Quando há um prego que se destaca, martela-se. E no entanto, mesmo amolgado e enterrado, continua lá.

De quem é o carvalhal?

Ando aqui a ganhar a morte. A vergar-me a cada passo, nesta rabugem vegetal, com involuções de ouriço-cacheiro. Se me tocam, eu abro pico em todas as frentes. Que eu nunca pedi nada. Nunca encomendei sermão. Nunca enclavinhei a mão para dar na mesa. Nem me caberia esmurrar a mais dilecta peça de mobiliário da casa. Onde os manjares eram pousados de mansinho e arrebatados em silêncio, aspirares de esganação e respeito — e, no final, as migalhas ajuntadas e receosamente pinçadas entre o indicador e o polegar.

Graças vos dou, meu deus, por me terdes dado de comer e beber sem eu o merecer, dai-me o céu quando morrer.

Rogávamos-Lhe o céu, ambicionávamos-Lhe a terra. Não a leveza dela em cima de caixão, que esses póstumos torrões não aconchegam, mas afrontam quem nunca teve terra em vida à mão de semear, e agora conquistava sete palmos dela, abençoada, quando os dedos gélidos e descarnados repousavam, entrelaçados, sobre o peito. Inúteis até para arrancar raízes. Tanta terra no mundo para morrer, tão pouca para viver.

Leva-me devagar. Que não fui tido mas fiz achado.

A alma é do criador e da santíssima virgem. E da terra também. O achado é meu.

E de quem é o carvalhal?

Olhos de toupeira, embaciados de lama. Tenho as pupilas nas pontas dos dedos, as premonições no faro, as indagações nos ouvidos. Vejo o meu mundo em daltonismos próprios. Basta-me tirar os óculos, e tudo o que é torna a parecer, apenas. As fronteiras esfumam-se em contornos e esboços vários, vultos, traços brutos, impressionistas e difusos. Trago a lama nos olhos desde sempre. E, nesses tempos rupestres e broncos, a miopia era estupidéz, cabeça mole, o miúdo não aprende as letras, nem à custa da menina de cinco olhos,

mas eram eles, os olhos, que tanto me flagelavam as mãos, que tanto me cobriam a cortina de lama, entre o entendimento e as garatujas do professor no quadro.

Onde o homem fazia formigas, eu queria elefantes. Onde o professor dispersava polenzinhos bruxuleantes, eu queria a árvore aos meus olhos piscos, o tronco, os galhos, as folhas gordas e jactantes.

E riam-se todos, e mandavam-me para o canto a ver se desemburrava. E nas brincadeiras de rapazes não atinava com a bola, franzia os olhos e não decifrava as pedras que lhes marcavam as balizas.

Estúpido, não tem prestanta. Coloquem-no no canto dos nulos. Suplente no jogo, na escola e agora também neste livro.

Fui ladrado impunemente pela canzoada, fui boi de piranha, apanhei sarna sem me poder coçar, excluído da comunidade dos prestáveis. E andei sempre de olhos pávidos, entre a vegetação humilde e rasteira, mas com raízes invisíveis agarradas aos ventres da terra, que dali, daquela pertença, se me arrancarem levam-me a pele atrás.

Até que o grémio das senhoras, do alto dos seus meios tacões e das suas congénitas caridades, levou o miúdo-toupeira, aos tombos, a um médico da cidade.

E ele espreitou para o abismo dos meus olhos, o globo ocular alongado, as imagens focadas muito além da retina.

Saí do consultório com um matacão de massa e arame e duas lentes em cima do nariz.

A ponte entre os dois precipícios.

E nesse dia tudo se fez brilho, e pormenor, e diferenciação. Havia líquenes nas paredes das casas. Herpes nos muros. E máculas, lesões e ulcerações em todas as lisuras e maciezas. O granito não era só uma rocha dura e cinzenta, tinha quartzo, feldspato e cintilações. Por todo o lado, nitidez, definição, borbotos, saliências e imperfeições. Tudo estava macerado. Formigueiros, os tais polenzinhos bruxuleantes. Nascia-me outro mundo debaixo dos olhos. Onde dantes vacilavam adivinhações, agora pontificavam dogmas. Certezas. A arrogância daquilo que é e existe e as desilusões de óptica. A montanha que não nascia do céu mas da terra, como tudo o resto.

As senhoras, antes rapinas de negro que lhe alisavam o cabelo e emitiam decibéis, tinham agora, cada qual, o seu rosto, a sua verruga, o seu buço, a sua curvatura de nariz, o seu dente de ouro. No regresso, vinha abismado como um marinheiro arribado ao novo mundo emplumado e viçoso de novidade, depois de tempos baloiçantes de monocromatismo, só de caravela, água, céu e passos cambaleantes, a soltar monossílabos de pasmo. Era firme a terra agora. Sem brumas, muito menos bela, muito menos misteriosa. Outro planeta. Sem encanto.

Tudo eram patranhas, o mundo inteiro houvera sido uma patranha aos meus olhos vãos. Tinha andado equivocado com as coisas, as cores e os contornos. Maior patranha é dizer que um morto vai para o céu, que ele bem soube de muitos a enterrar. Um homem quando morre vai para a terra, lá onde só há frio, escuro e as raízes obstinadas. Aos mortos tiram-se-lhes os óculos, e pronto.

E eu, com aquele enorme objecto demasiado identificado entre os olhos, tornava-me marciano à mesma,

ó caixa de óculos.

Topava-os agora de longe, a galhofarem da sua prótese visual, um carrego para o nariz, a abrir-lhe um vale ósseo, uma depressão arroxeadada de sangue pisado no septo nasal.

Mas vamos prá frente, que atrás vem gente. De quem é o carvalhal?

Via agora no quadro as circunvoluções das garatujas que dan-tes lhe mortificavam as palmas das mãos. Percebia-lhes as sinuosidades, as mais espigadas, as roliças, as corpulentas, as contorcionistas, as decisivas e categóricas.

Aprendi-lhes as irmandades, as cumplicidades e os casórios. A motricidade fina de segurar a caneta já não a recuperei, tanto calo de enxada e de pelejar mato bravio, ensarilhavam-se os dedos no lápis, os cortes, as geadas, as rachas abriam novos trilhos que cruzavam as linhas da vida, da morte e do amor nas palmas das mãos.

Chamem-me para abrir rasgões na terra húmida, para escalar campos pedregosos à picareta, para sulcar, lanhar, golpear chãos indomáveis e crostas rijas. Não peçam às mesmas mãos que escavam a sete palmos de abrir sepulturas que, agora, vazem da caneta traços miniaturais, caules tenros que sobem e tombam ligeiramente para um dos lados, e logo a seguir fazem a curvatura improvável, cornucópias de videiras enroscadas, botões de flores que nunca desabrocham,

as letras,

(se eu suspeitasse como já se me afeiçãoavam às mãos, tácteis arabescos do quadro negro do professor, gráceis sinuações da vegetação rasteira e humilde...)

não me peçam que as verta na delgadeza do papel, com instrumentos franzinos de aparo quebradiço... Ponham os cascos de mula a servir à mesa de gente fina e a retirar o copo de porto de entre os demais na cristaleira.

Mãos de cascos, um cérebro mais visual do que os olhos. Nunca me meti a escrever. Mas leio.

E li. O endereço meio desbotado que constava no molho de cartas.

Ao portador destas cartas se roga o encarecido favor de as entregar à menina Maria Luísa Fradinho. Aldeia de Vale de Éguas, Marinha Grande. Assinado: Joaquim da Cruz, 27 de Fevereiro de 1934.

E inverti a minha marcha para o depositar no devido paradeiro. Por isso me insurjo contra esta exclusão, lá por ser feio, rude e ter estes dois olhos de cágado, ao fundo das lentes de aquário.

Tensa gente esta, de almas baldias. Ando aqui a ganhar a morte. Vejo-me confinado ao canto do rodapé, à exclusão de um prólogo (ou lá o que isto é...), que ao mesmo tempo inclui e exclui, em estado de ambivalência nesta oscilante condição do progredir da narrativa, que, estando dentro, estou de fora do romance, sem porta nem sequer janela de espreitar lá para dentro.

Cá estou eu, o excluído, o suplente, o caixa-de-óculos, largado a um canto, descartado como sempre e de cara voltada para a pa-

rede outra vez. Que nem a face, sequer a cor dos olhos, ficou referida. E as únicas características físicas acentuadas foram a rudeza chagada das mãos, algum desengonço e o apêndice ocular, claro está, só por mera conveniência do romance. Sou um mero apêndice de funcionalidade na história. Fechei o círculo, fui elemento crucial, mas votado a nada, ou quase nada.

As outras personagens cresceram, expandiram-se, ocuparam tudo com a petulância de um ovo de cuco largado pelos progenitores em humilde mas honesto ninho alheio. E vêm-se os pais esfalfados a alimentar um matulão de um filho, adoptivo à força, que engorda tanto e tanto, e exige mais e mais, voraz, que empurra para fora do ninho as legítimas crias, desalojadas, despenhadas no chão, atónitas de tão inusitado fratricídio. Mas que culpa tem o cuco de ser grande, desajeitado, gordo e largado para adopção? E que culpa têm os caranguejos bernardos-eremitas que na maré baixa se precipitam em corrida para as conchas abandonadas, se um terceiro se atrasou, e já só encontra destroços calcários de um qualquer molusco azarado, sem proveito nem para casa nem refúgio temporário?

Que, de resto, até considere desnecessário todo o relambório sobre as minhas desventuras de menino míope, sobre o meu analfabetismo funcional, que para humilhação já me bastam as de fora de páginas, e, para exasperação, as silvas de raízes grudadas, que me empatam o arado, me moem a paciência e me racham a epiderme das mãos. Nem me parece de relevância para o caso. O que havia para ler foi convenientemente lido. O que havia para ser entregue foi diligentemente entregue. E, ainda assim, encostam-me, usado antes de agitado, consideram-me dispensável, irrelevante, eu que liguei os dois precipícios, sem mim nada do que se passou, daqui para diante, teria acontecido. Pelo menos não da mesma maneira. Porque fui eu que encontrei o amor ao fundo das formigas iradas da minha infância, garatujas com nexos que não me diziam respeito. Ou diziam? Se fui eu das cartas o único portador...